

# O Menino Kirikou, a Feiticeira Karabá e o Sábio da Montanha\*

Solange Jobim e Souza\*\*

Para Alice, por me ensinar a ter paciência com a vida, mostrando que uma mesma história é sempre uma nova história.

**P**or que contamos histórias? Por que ouvimos histórias? Jorge Luis Borges escreveu: “Não creio que um dia os homens se cansarão de contar ou ouvir histórias”.<sup>1</sup> Sábias palavras, eu também acredito nelas. De fato, estamos irremediavelmente submersos em acontecimentos que se transformam em histórias. Mas o momento mesmo do acontecimento é experimentado com uma tal intensidade de afeto, seja dor ou alegria, que nos escapa à razão. A vida, então, nos parece um amontoado de sensações que foge ao entendimento. Daí advém o sofrimento e do sofrimento a necessidade de dar ordem aos fatos, buscar sentido para alcançarmos uma compreensão que nos convença de uma certa harmonia. As histórias têm esta missão: dar sentido à aparente falta de sentido da experiência de estar no mundo.

A intensidade dos afetos nos faz experimentar, algumas vezes, o limite do caos; mas a intuição de que somos capazes de controlar o caos faz a vida seguir o seu rumo, atravessando turbulências e calmarias, sofrimento e felicidade. As

---

\* Este ensaio surge a partir do filme de animação **Kirikou e a feiticeira**, baseado num conto da África Ocidental. Direção de Michael Ocelot. França, Bélgica e Luxemburgo, 2000 (Duração: 74 min.).

\*\* Dra. em Educação (PUC-Rio); professora do PPGP/PUC-Rio e do PPGE/UERJ; coordenadora do GIPS – Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade (PUC-Rio).

antíteses são necessárias. Mudar o rumo dos acontecimentos é experimentar esta permanente tensão e fazer escolhas. Cada vida é um enigma a ser decifrado. Nas histórias, todas as vozes da humanidade se encontram, cada qual com a intenção de nos mostrar o prazer, mas também a dor, a melancolia, mas também a felicidade, o medo, mas também a coragem, o desespero, mas também a esperança.

Nosso destino é viver as histórias e depois transformá-las em narrativas, criar palavras e imagens para que as histórias possam ser contadas e recontadas através dos tempos, buscar o fio do sentido para aprendermos a tecer lições sobre a vida que, mesmo como repetição, é sempre o eterno retorno do novo nas gerações seguintes.

Somos, ao mesmo tempo, personagens e criadores das histórias. Mas, como personagens, os acontecimentos são puro afeto, obscurecendo a razão. Como narradores, colocamo-nos no lugar do personagem que estabelece o equilíbrio entre o sensível e o racional. Contar e recontar nossas histórias é uma forma de conciliar a experiência subjetiva e a condição humana na sua universalidade.

Nossa intenção é contar, uma vez mais, a história que está no filme de animação de Michel Ocelot, **Kirikou e a feiticeira**. Essa é a história de um herói muito pequenino que consegue vencer uma malvada feiticeira que, com seus poderes supostamente mágicos, dominava toda uma aldeia, trazendo intenso sofrimento ao seu povo. Mas, para além da saga do pequeno Kirikou, nossa pretensão vai ainda mais longe, ou seja, convencer o leitor de que as histórias são alimento da alma e é por isso que não podemos deixar de contá-las, sempre e de novo, exatamente como as crianças não se cansam nunca de lembrar aos adultos. Talvez as histórias sirvam para curar nossos males interiores e tornar o mundo um lugar melhor para se viver. Vamos tentar alguns argumentos nessa direção.

Kirikou pode ser visto como um mito. Podemos definir o mito como uma metáfora de um mistério além da compreensão humana. Desse modo, o mito não é

---

<sup>1</sup> Jorge Luis Borges, **Esse ofício do verso**, Companhia das Letras, São Paulo, 2000, p. 62.

uma mentira, mas uma maneira de chegarmos a uma verdade profunda.<sup>2</sup> Podemos afirmar que o mito funciona como uma comparação que nos ajuda a compreender, por analogia, alguns aspectos do nosso psiquismo. Os mitos nos surpreendem por serem verdadeiros modelos do funcionamento do nosso psiquismo, individual e coletivo. No mundo mítico, os personagens se repetem porque o mito tece, com as palavras, a rede da experiência humana. Pode até mesmo nos causar certo espanto pela sua repetição e previsibilidade; mas, ao mesmo tempo, nos surpreende e mostra o quanto somos ignorantes em relação às conseqüências de nossos atos e palavras.

Kirikou é o herói que vai nos conduzir numa jornada que é também a metáfora da vida, melhor dizendo, das transformações de um modo de ser a outro, percorrendo tanto os limites da experiência individual como a amplitude da experiência coletiva.

A criança quer nascer e sabe que tem uma missão. Cada criança é um novo Messias, promessa de felicidade. Kirikou nasce sozinho e sabe que seguirá sozinho a sua jornada. Ele veio para desvendar um enigma. A vida na sua aldeia estacionou no sofrimento, na submissão, na falta de coragem, na apatia, na resignação. No seu povoado, o destino está traçado e trancado antes mesmo dos homens agirem. A terrível feiticeira Karabá não admite qualquer outra história que não seja aquela contada por ela. Os personagens devem obedecer ao rumo que é dado às suas vidas, sem questionamentos. Quanto mais o medo toma conta das pessoas, mais a feiticeira impõe a sua história como única versão para a vida do seu povo. Temida e reverenciada, a feiticeira surge em cena, acompanhada de vozes que repetem em coro:

– Tremam de medo, tremam de alegria, Karabá!

Kirikou não se conforma, pergunta, indaga, quer ouvir outras histórias, quer mudar o rumo da história que se repete de boca em boca no seu povoado. Por que

---

<sup>2</sup> Esta definição de mito é de Joseph Campbell, citada por Christopher Vogler em seu livro **A jornada do escritor** (ver bibliografia).

Karabá, a feiticeira, é malvada? Esta é a questão que deve ser desvendada. Kirikou sabe que veio ao mundo para responder essa pergunta e libertar o seu povo. Todas as pessoas da aldeia aceitam a maldade como um fato consumado. “É da natureza das feiticeiras a maldade, nada podemos fazer contra as forças da natureza”, dizem. O povo resignado segue uma mesma e única história que ninguém ousa desmentir. As mulheres repetem, o velho ensina às crianças a obedecer sem perguntar e afirma: “Não se deve combater as feiticeiras”. As crianças aceitam seus ensinamentos. Kirikou ouve, mas não escuta. Sua rebeldia o impele à busca de uma outra possível explicação para a maldade da feiticeira Karabá e o sofrimento do seu povo. Percebe que não apenas a feiticeira é malvada, mas que as crianças e os adultos da aldeia também são hostis, mas não enxergam a sua própria maldade. É preciso entender de onde vem a maldade. Mas, para alcançar esse objetivo, é necessário que o herói se separe da mãe e da sua tribo. A jornada do herói é a história dessa separação na busca de sua identidade, da totalidade do seu ego. Essa longa e penosa caminhada é também vivida por cada um de nós, pois a busca da identidade exige o confronto com nossos monstros internos. Vilões, amigos, inimigos podem ser encontrados dentro de nós. A tarefa psicológica que devemos enfrentar é a da integração das partes separadas, numa totalidade completa e equilibrada.

Kirikou chega ao mundo para desviar o curso da história do seu povo da eterna repetição, mas terá de lutar. As resistências são muitas e, por isso, é necessário astúcia, espírito indagador e perseverar sempre. Terá ao seu lado o Sábio das Montanhas, seu avô, que, segundo sua mãe, tem a chave do enigma, porque explica as coisas como elas são. Ele deverá prepará-lo para enfrentar o desconhecido. Poderá dar conselhos, orientá-lo, mas o Sábio só pode ir até certo ponto. A jornada de Kirikou, até alcançar a Montanha Proibida, é rica em valores simbólicos, enigmas que temos de desvendar ao longo da vida. O herói leva consigo o punhal de seu pai, força e coragem, entregue a ele por sua mãe. Kirikou continua a saga de sua família, mas antes é necessário ir ainda mais longe no

tempo, encontrar o avô para ter acesso ao tesouro maior: a sabedoria. Para atingir a sabedoria, deve enfrentar as forças do mundo mítico com astúcia e arrogância, qualidades que não faltam ao pequeno herói.<sup>3</sup> Assim, experimenta o limiar entre a vida e a morte, parecendo até mesmo estar morto em diferentes episódios, e, então, a ele será dada a oportunidade de viver a ressurreição, renascendo cada vez mais forte, como um outro membro do grupo.

A tensão entre a vida e a morte conduz a jornada do herói, incentivando-o a dar exemplos de como a vida pode vencer a morte por meio de suas escolhas e seus atos. Depois de várias provações, finalmente alcança a Montanha Proibida, o seu primeiro alvo. O encontro com o Sábio acontece dentro de um grande cupinzeiro que só se abre para dar passagem aos homens dignos. Sabedoria exige dignidade.

O tesouro que Kirikou vai em busca é a experiência do Sábio, seu avô, que o leva a atingir uma compreensão maior sobre a maldade dos homens para que haja uma reconciliação com as forças hostis. A feiticeira Karabá sofre infinitamente mais do que todos, e é desse sofrimento profundo que ela alimenta seus poderes hostis. Quanto mais medo as pessoas têm, mais poder ela adquire. É necessário aplacar seu sofrimento para que o mal seja neutralizado. Ela também precisa conquistar o direito de contar para si uma outra história, criar um novo personagem para a feiticeira Karabá. Só assim será possível libertá-la de sua maldade contra si própria e contra os outros. Tirar o espinho profundamente fincado em suas costas é a missão que Kirikou irá enfrentar. Por um instante Kirikou diz ter medo por ser pequeno e pede ao avô para torná-lo grande. O avô lhe conforta dizendo que, por ser pequeno, ele conseguiu entrar onde ninguém conseguiu, o fato de ser grande não necessariamente o ajudaria a enfrentar os novos obstáculos.

---

<sup>3</sup> Walter Benjamin, em seu texto "O Narrador", afirma que a criança percebe o feitiço libertador do conto de fadas em cumplicidade com a natureza. Citando o autor: "O conto de fadas ensinou há muitos séculos à humanidade, e continua ensinando hoje às crianças, que o mais aconselhável é enfrentar as forças do mundo mítico com astúcia e arrogância. Assim, o conto de fadas dialetiza a

O espinho está profundamente fincado nas costas de Karabá e precisa ser arrancado com os dentes. Sozinha ela não poderá arrancá-lo e não tem amigos para ajudá-la. De toda maneira, diz o sábio, “se ela soubesse que alguém conhece o segredo do seu espinho e quisesse arrancá-lo, ela o mataria. No momento em que o espinho for arrancado ela sentirá uma dor terrível, acima do imaginável. Além disto é o espinho que dá a ela os poderes mágicos, retirado ela perderá os poderes ao mesmo tempo”. Ouvindo as palavras do avô, o pequeno Kirikou diz: “Eu o arrancarei ou morrerei”.

Sentindo-se frágil diante da missão que o espera, Kirikou pede colo ao avô e, admitindo ter medo, pede um talismã para protegê-lo. O avô responde com segurança: “Talismã, não. A sua força vem da ausência de talismã. A feiticeira conhece o mundo dos feitiços e engana melhor os homens que pensam estar protegidos. Em compensação ela fica desarmada diante da inocência pura e da inteligência sempre atenta e livre”. E termina dizendo: “Kirikou, estou a seu lado”, confortando-o com afeto e segurança.

Kirikou segue sua jornada. Outros desafios de vida e morte terá de enfrentar até atingir o seu alvo final. A morte e a escuridão cruzam o seu caminho num último esforço desesperado, antes de serem finalmente derrotadas por Kirikou. Chega o momento da prova final. Kirikou precisa encontrar uma maneira de dominar a feiticeira. Seu plano é utilizar as jóias que a feiticeira tomou das mulheres da aldeia e, com isso, atraí-la para fora de sua choupana. De posse das jóias, Kirikou caminha em direção à floresta para enterrá-las. Tomando conhecimento da ousadia de Kirikou e tendo perdido a confiança em seus soldados, Karabá resolve ir, ela mesma, recuperar as jóias e capturar Kirikou. O plano de nosso pequeno herói funciona. Ao vê-la aproximar-se do local onde havia enterrado as jóias, Kirikou aguarda o momento exato de saltar sobre ela sem ser visto. De repente, Kirikou salta do topo de uma árvore sobre as costas da feiticeira,

---

coragem (Mut) desdobrando-a em dois pólos: de um lado Untermut, isto é, astúcia, e de outro Übermut, isto é arrogância)” (p. 215).

que agachada tenta desenterrar as jóias escondidas pelo pequeno herói. Com os dentes, Kirikou arranca o espinho, e um grito forte sai das profundezas da alma de Karabá, ecoando até chegar aos ouvidos do povo da aldeia. Karabá imediatamente se transforma, dizendo: “Não dói mais, não sofro mais, estou livre. A feiticeira com os seus poderes não existe mais, azar, sorte. Kirikou você me libertou”.

Kirikou convence a feiticeira a beijá-lo nos lábios. Com o beijo da feiticeira, ele se transforma em um belo rapaz, e os dois se abraçam apaixonados. Atingir a maturidade requer a conciliação interior das forças opostas que agem dentro de nós. O equilíbrio entre as forças opostas foi atingido, restabelecendo a paz e a harmonia. Nossos heróis agora precisam fazer o povo da aldeia enxergar, como eles, que a recompensa, o tesouro que Kirikou foi buscar em sua jornada é o conhecimento e a experiência que conduzem a uma compreensão maior, a uma reconciliação com as forças hostis que existem dentro de cada um de nós e nos desafiam ao longo da vida. Uma vez mais a figura do velho Sábio das Montanhas é evocada como garantia de credibilidade da palavra do jovem. A experiência e a sabedoria conquistadas ao longo da vida precisam ser permanentemente revigoradas pela inocência pura e pela inteligência atenta e livre da criança. Kirikou, a feiticeira Karabá e o Sábio das Montanhas nos ensinam a reconhecer na sabedoria a chave para desvendar o enigma, mas também que o caminho para alcançá-la depende da nossa disponibilidade para ouvir tanto o velho como a criança. Nesse encontro das gerações se elucida o enigma da vida na grande temporalidade, ou seja, a vida é repetição e transformação. O velho detém, pela experiência construída ao longo do tempo, o conhecimento da história como repetição. O jovem, pela inocência e pela inteligência atenta e livre, detém o poder e a coragem para mudar o rumo da história e trazer a transformação. O fim de uma jornada contém o início de uma nova história. Quem conta um conto acrescenta um ponto. E é por isso que Alice, uma menina de cinco anos, me diz sempre ao final de uma longa história: “De novo, conta tudo de novo..., só uma vez

mais, promete?”. E eu conto, para poder ver tudo novamente de um modo outro e diferente.

### **Referências bibliográficas**

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Obras Escolhidas**. Vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para contadores de histórias e roteiristas**. Rio de Janeiro: Ampersand Editora, 1997.